



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

## **Dos Aplausos às Ruínas: uma construção de memórias acerca do turfe no hipódromo da cidade do Rio Grande/RS**

João Francisco Santana Xavier  
Gustavo da Silva Freitas

*Este trabalho é produto dos apontamentos preliminares de uma pesquisa interessada em construir algumas memórias do turfe praticado no hipódromo da cidade de Rio Grande/RS. Colonizada por imigrantes ingleses, alemães, portugueses e espanhóis, a cidade produziu um estilo de vida à moda europeia, sendo o turfe no hipódromo, parte dessa presença dentro do universo esportivo. Fundado em 29 de junho de 1922, o hipódromo manteve suas atividades até o final da década de 90. Encontrando aporte teórico-metodológico no uso da História Oral, foram realizadas duas entrevistas, sendo uma com jôquei e outra com tratador de cavalos que atuaram no hipódromo entre as décadas de 60 e 70. Nessa construção, podemos dizer que: a) o hipódromo é considerado como uma espécie de templo para os depoentes, algo sagrado que se confunde com suas próprias vidas; b) havia uma dependência econômica e cultural entre o bairro e o hipódromo; c) o público presente nos dias de páreo não se restringia somente à sociedade riograndina, mas à região sul do estado; d) a desregulamentação frente ao regimento do hipódromo pelas últimas direções, a midiaticização do turfe e a diminuição do associativismo clubístico na década de 90 são apontados como indícios do seu fechamento.*

*Palavras-Chave: Memória; Turfe, Hipódromo; Rio Grande.*

## **De los aplausos a las ruinas: una construcción de recuerdos sobre las carreras en el hipódromo de la ciudad de Rio Grande/RS**

*Este trabajo es el producto de las notas preliminares de un estudio interesado en la construcción de algunos recuerdos de las carreras practicadas en el hipódromo de la ciudad de Rio Grande / RS. Colonizada por inmigrantes ingleses, alemanes, portugueses y españoles, la ciudad produjo un estilo de vida a la moda europea, siendo la carrera en el hipódromo, parte de esta presencia en lo que se refiere al universo deportivo. Fundada en 29 de junio de 1922, el Hipódromo mantuvo sus actividades hasta finales de los años 90. Encontrando el aporte teórico y metodológico en el uso la historia oral, fueron hechas dos entrevistas, una con un yóquey y otra con un tratador de caballos que trabajaban en la pista de carreras en el período comprendido entre 60 y 70. En esta construcción, podemos decir que: a) la pista de carreras es considerado como una especie de templo a los testigos, es algo sagrado que se confunde con sus propias vidas, b) existe una dependencia cultural y económica entre el barrio y el hipódromo, c) el público presente en los días*



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

*de carrera, no era restricto sólo a la sociedad riograndina, pero a toda región el sur del estado, d) la desreglamentación del regimiento del hipódromo por las últimas administraciones, la cobertura de los medios de comunicación a las carreras y la reducción de los encuentros colectivos entre las personas en grupos sociales específicos, en pandillas en los años 90 son señalados como una prueba de cierre del hipódromo en la ciudad.*

*Palabras clave: Recuerdos, Turf, Hipódromo, Rio Grande.*

## **FROM THE APPLAUSE TO THE RUINS: A CONSTRUCTION OF MEMORIES ABOUT RACING IN THE HIPPODROME OF THE CITY OF RIO GRANDE / RS**

*This work is the product of the preliminary notes of a research interested in building some memories of racing at the hippodrome practiced in the city of Rio Grande / RS. Colonized by English immigrants, German, Portuguese and Spanish, the city produced a lifestyle inspired to the European fashion, with the turf at the hippodrome, part of that presence in the sports universe. Founded on June 29, 1922, the Hippodrome kept their activities until the late 90s. Finding theoretical- methodological contributions in the use of Oral History, there were realized two interviews, one with a jockey and another one with handler horse who worked at the hippodrome between the 60s and 70s. In this construction, we may say that: a) the hippodrome is regarded as a kind of temple to the respondents, something sacred which coincides with their own lives; b) there was a cultural and economic dependence between the district and the hippodrome; c) the public in the days of the competitions was not restricted only to society riograndina, but the southern state; d) forward to the deregulation of the hippodrome from the last directions' regiments, the media coverage of the racing association and the reduction of a club in the 90s are pointed out as evidence its closure.*

*Keywords: Memory, Turf, Hippodrome, Rio Grande.*

## **INTRODUÇÃO**

Rio Grande é a mais antiga cidade do Estado do Rio Grande do Sul, fundada em 19 de fevereiro de 1737, tendo sido colonizada por famílias de origem europeia, especialmente os portugueses, espanhóis, ingleses e alemães. Muito dessa presença deve-se à existência de um porto marítimo no município, que fora porta de entrada da Inglaterra e Alemanha através de acordos comerciais com o Brasil, e hoje é responsável por grande parte da sustentação econômica na região, ao lado das atividades de pesca e agricultura.



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

No que se refere ao universo esportivo, a cidade também é conhecida por possuir o clube de futebol profissional ainda em atividade mais antigo do país, o Sport Club Rio Grande. Datado oficialmente de julho de 1900, o clube foi formado a partir da reunião de algumas famílias de ingleses e alemães que residiam na cidade. Para além do futebol, os esportes náuticos também aparecem de maneira significativa na constituição esportiva da cidade muito pela criação de um balneário em 1890, chamado Cassino. Inventado à moda dos balneários franceses, mas com chalés que copiavam a arquitetura inglesa, o espaço da praia tinha por objetivo proporcionar o divertimento de famílias tradicionais, leia-se abastadas, da região.

No entanto, é outro o esporte que vem mobilizar a escrita desse trabalho, ainda que seu aparecimento mantenha traços semelhantes com aquilo que vem se falando até então: o turfe e sua formação a partir de uma marca europeia. Nesse sentido, algumas produções, dentre elas a de Pereira, Silva & Mazo (2010) já anunciaram esse vínculo mostrando que a história do turfe em Porto Alegre, desde sua gênese, parece ser indissociável da presença luso-brasileira na cidade. Sendo assim, compreende-se porque determinados hábitos, costumes e tradições acabaram por ser transferidos ao contexto dessa prática esportiva. Como já dito, a cidade riograndina reúne desde sua colonização, portugueses e ingleses, estes considerados por Mello (2010) os precursores do fenômeno das corridas de cavalos.

Tratando-se especificamente do turfe praticado no hipódromo, a cidade do Rio Grande/RS funda o local no dia 29 de junho de 1922 e manteve suas atividades até o final da década de 90 com o seu fechamento. O espaço físico do hipódromo hoje é representado pela pista oval, por ruínas e pelas cocheiras que foram invadidas por populares que as transformaram em moradias. Após decisão judicial foi concretizada a venda do espaço através de leilão, em 2001. Ainda assim, a empresa compradora não tinha autonomia para desapropriar o hipódromo, reconhecido como Patrimônio Histórico, pela Lei Municipal N° 5.358 de 13 de outubro de 1999. No entanto, em 26 de maio de 2009, a área do antigo Jockey Club do Rio Grande teve sua utilização regulamentada, através de um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), firmado entre o Município do Rio Grande e a empresa vencedora do leilão, por intermédio da Promotoria de Justiça local. Na ocasião foi reconhecido que a importância histórica do imóvel se limita às edificações existentes (tribuna, "paddock" e "photochart"), que deverão ser restauradas pela empresa. O ajustamento definiu as obrigações da empresa e do Município quanto às questões de desmembramento da área, destinação de área funcional e alteração do regime urbanístico, de modo a possibilitar a construção de conjuntos habitacionais de casas populares de um programa do governo federal.

A inquietação quanto a estas e outras questões tomou forma neste trabalho que objetiva apresentar os primeiros apontamentos da construção de algumas memórias do turfe praticado no hipódromo da cidade de Rio Grande/RS. Para a realização da pesquisa decidimos utilizar como metodologia a História Oral, sobretudo a partir de Portelli (1995) que traz que as possibilidades de construção de uma memória estão diretamente vinculadas à presença ou ausência de determinado narrador, e o resultado disso será chamado de memória social. Os narradores contam suas histórias partindo de um contexto no qual ele faz ou fazia parte. A história não é construída a partir de um olhar externo das atividades relatadas, mas a sob um olhar participante, que carrega nos seus contos

elementos pessoais, que diferenciam das histórias de outros que também ocuparam o mesmo espaço ou que vivenciaram a mesma história.

Assim, temos a intenção de construir a história do turfe no hipódromo sob olhar de quem o vivenciou, pois, segundo Goellner (2006), a evidência oral, transformando os objetos de estudo em sujeitos, contribui para uma história que não é só mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira.

Para o momento, trazemos as narrativas de duas entrevistas<sup>1</sup> realizadas até o momento. A primeira delas foi feita com Sr. V.P. Silva, assim nominado por ser a forma como os jôqueis são conhecidos. O depoente, de 57 anos, foi selecionado a partir de sua presença em reportagens acerca do turfe nos jornais da cidade quando corria como jôquei na década de 70, e atualmente trabalha nas antigas cocheiras do hipódromo, local em que foi feita a entrevista. O segundo depoente, Luis Carlos Lima, conhecido como Jojóia, atuou como tratador de cavalos na década de 60 e foi indicado pela entrevista anterior formando, a partir disso, a rede de depoentes.

## Considerações Preliminares

Das entrevistas, admite-se fazer algumas considerações que, ainda sendo preliminares, configuram parte do cenário histórico do turfe no hipódromo de Rio Grande. A primeira delas é que o hipódromo é tomado pelos depoentes como uma espécie de templo para os que ali vivenciaram o turfe, sustentado não tanto pela oficialidade de um documento que o declara como patrimônio histórico, mas pelos vínculos afetivos estabelecidos com o local.

*Se tu me perguntasse se eu acreditaria que um dia destruiriam o hipódromo de Rio Grande, eu responderia que isso não aconteceria. Eu duvidei que fossem destruir o nosso hipódromo, eu não acreditei que isso estaria acontecendo, ou que pudesse acontecer. Eles não estão respeitando esta área, um lugar que era pra ser respeitado, um patrimônio que está quase todo no chão, a maior das injustiças que poderiam ter feito com nossa cidade. Aqui eu tenho um programa da fundação do hipódromo, me diz se antes de vender este patrimônio se eles não deveriam ter considerado a história deste lugar. [...] Foi uma relação muito grande, muito boa, eu tenho paixão pelo Turfe, por isso eu digo que eu não posso nem olhar pra lá, cada batida que aquelas máquinas dão lá parece que me toca no coração. Eu vivi uma vida aí sem ter nada, e o que tenho devo ao hipódromo. Criei minha filha, ajudei a criar meus netos como o Sr pode ver nas fotos. Tudo isso eu ganhei com o Jôquei clube. (Entrevista- Sr Luis Carlos Lima, Jojoia – 04/05/2012).*

O sentimento de pertencimento ao hipódromo que o faz ser tomado como “nosso” implica uma própria (con) fusão entre a vida do lugar e a própria história de vida que, reivindica o depoente, precisa ser sustentada. O componente emocional aí implicado acaba criando uma noção de que a destruição do material do local seria, por efeito, a ruína do próprio sujeito.

<sup>1</sup> As entrevistas foram realizadas com gravador digital de voz e aparelho de mp3, transcritas, e posteriormente assinadas com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em seu uso pleno.

Outra consideração a respeito das coisas que configuravam o local é que grande parte do público participante, diga-se apostadores, era formado por caminhoneiros e pescadores, o que estabelece um referencial com as particularidades da cidade: o mar e o porto.

*Há participava, até no verão mesmo, até os pescadores vinham e jogava, assim aumentavam mais os jogos e eles jogavam muito (Entrevista- Sr. V.P. Silva, Caco – 14/04/2012).*

*Muitas pessoas e muitas jogavam. Se o hipódromo estivesse em funcionamento, as apostas seriam o dobro do que eram antigamente. Da forma como a cidade cresceu teríamos muito mais volume de jogos. O hipódromo domingo recebia os caminhoneiros que vinham de fora da fronteira, todos vinham trazer carga para o porto e ficavam assistindo e jogando aqui no hipódromo. Hoje vem o dobro de caminhoneiros e com certeza, teríamos mais pessoas aqui assistindo as corridas de cavalos (Entrevista- Sr Luis Carlos Lima, Jojoia – 04/05/2012).*

A circulação de pessoas no hipódromo de Rio Grande não se restringia à população da cidade. Pelo contrário, os páreos eram frequentados por um pessoal que, digamos, estava de passagem. Nesse reduto estão incluídos não só os caminhoneiros, mas também as famílias que vinham de outras cidades da região sul, principalmente da cidade de Pelotas/RS. Havia inclusive um acordo entre os hipódromos das duas cidades para que não promovessem páreos no mesmo dia, pois desta forma, poderiam acumular um público maior e, por consequência, apostas e premiações com maiores cifras.

Estes acordos ou convênios, como declarado pelos depoentes, não se restringiam somente ao público, mas era estendido àqueles que viviam economicamente do hipódromo, incluindo aí os jóqueis, tratadores e treinadores de cavalos. Estas funções eram regidas através de regulamentos e normas organizados pelas diretorias do Jockey Club, sendo fundamentais, segundo os depoentes, na manutenção e permanência das atividades no hipódromo.

*O motivo seria porque como o próprio homem que cuidava e corria, tu teria uma forma de fazer o que quisesse com os cavalos entendeu, tu teria autoridade de fazer o que quisesse. Pra evitar isso a diretoria determinou que o Jôquei não pudesse montar o seu próprio cavalo. Caso isso ocorresse suspendiam o infrator. Por exemplo, tu és o Jôquei e o cavalo é meu, e eu te mando puxar o cavalo, se fosse descoberto tu eras suspenso e eu não. Havia suspensão, e tu não poderias correr até que tivesse cumprido a suspensão. O cavalo chegava atrasado, era suspenso. Cavalo puxado era suspenso. Se faltasse um quilo e meio para o jóquei era desclassificado. A pessoa para ser tratador tinha que ter pelo menos cinco cavalos sob sua responsabilidade com as cocheiras ocupadas e com os cavalos correndo. Se não tivesse este número mínimo de cavalos não poderia tirar matrícula. O jóquei para correr teria que ser examinado por três treinadores, tinha que assinar na sede do Jôquei Clube o compromisso de ser Jôquei. Quando começaram a desrespeitar estas normas foram acabando com o Jôquei Clube. Entrou um cidadão que ele era proprietário e ele cuidava os cavalos e abriram um precedente pra ele e por aí foi, e os treinador mais velhos foram desistindo (Entrevista- Sr Luis Carlos Lima, Jojoia – 04/05/2012).*

As tentativas de regramento das atividades do turfe lidas na narrativa acima, de alguma

maneira se aproximam daquilo que Norbert Elias e Eric Dunning estabelecem como manifestação do esporte moderno. A ideia de requerer regras estritas e uniformes que permitam uma disputa igualitária entre os envolvidos na competição, a criação de um espaço e tempo próprios para a prática do esporte e a constituição de uma temporalidade sensível ao mundo social respeitando as exigências do ritmo de trabalho e lazer (MARTINS & ALTMANN, 2007) são indicativos dessa aproximação. No entanto, há um tensionsamento a esta conjectura quando vimos que estas mesmas regras, por exemplo, acabam por atender interesses situacionais de procedência pessoal que, de alguma forma, quebram a organização sistemática do lugar e são tidas como parte das justificativas que foram terminando com o turfe do hipódromo.

Em se tratando do fator econômico, outra importante característica dessa prática na cidade são as relações de dependência econômica construída entre as pessoas do bairro com o hipódromo. Esta relação se dava tanto em termos de ser ter um “serviço” no próprio local, quanto arrecadações pelo comércio existente ao entorno do hipódromo.

*Não, mas eu, desde guri sempre peguei a trabalhar numa cocheira só, aí peguei a montar só para aquela cocheira, depois o proprietário aposentou-se. Seguido que eu iniciei a montar, daí ele não cuidou mais, então eu peguei a montar pra outra cocheira e acabei montando uns quinze anos para este outro proprietário. Depois ele morreu aí eu fiquei assim, cuidando e montando, aí montava pra todo mundo (Entrevista- Sr V.P.Silva, Caco – 14/04/2012).*

*Perdeu muito, o movimento era grande de gente aqui, havia muitos negócios. A copa do jóquei clube fazia uma fortuna em bebida e tinha um movimento grandíssimo e era alugada. E isso era domingo e feriados, chegaram a ter três dias de carreiras aqui. Pessoal do comércio daqui, todos vendiam muito. O pessoal que vendia ração aqui perdeu muito. [...] a casa Dragão que era comércio de ração e também havia uma venda junto e depois quando terminou o hipódromo eles acabaram vendendo e fecharam. [...]. Mas o pior foi essa gurizada que não tem estudo, que não tem como ganhar dinheiro e que ficaram sem ter o que fazer quando fechou o hipódromo. Porque o serviço que eles sabiam fazer era lidar com cavalo, inclusive eu, a única coisa que eu sabia fazer era cuidar de cavalos. A vantagem que eu tenho é que, financeiramente eu já estava mais adiantado que os outros (Entrevista- Sr Luis Carlos Lima, Jojoia – 04/05/2012).*

O funcionamento do hipódromo, pelas falas dos depoentes, garantia modos de sobrevivência para o bairro independentemente dos dias que ocorriam os páreos. Montar, cuidar de cavalos, vender ração, bebidas, enfim, tudo fazia movimentar o bairro e as relações sociais ali estabelecidas, ao ponto que o encerramento das atividades no hipódromo significava, para muitos, a perda de uma referência.

Sobre isso, como último ponto a ser destacado, há pistas nas falas dos depoentes que nos levam a pensar que o fechamento do hipódromo não aconteceu exclusivamente por uma questão econômica, em que a falta de circulação financeira afetou sobremaneira as apostas nos páreos. Índícios como o aparecimento de casa de apostas com transmissões ao vivo das corridas via antena parabólica; o aumento de opções de práticas e espaços de lazer na cidade, especialmente vinculados ao futebol; o desinteresse coletivo entre aqueles que viviam o turfe aguçado pelas decepções dos



# VI Congresso SulBrasileiro de Ciências do Esporte

“Pensando a Educação Física Escolar e Não-Escolar: estratégias na constituição de saberes”

13 a 15 de Setembro de 2012 - FURG

turfistas com a desregulamentação do espaço (regalias); a diminuição do associativismo atrelado ao declínio de participação em clubes sociais a partir da década de 90, são apontados como pistas que contribuíram para o enfraquecimento da prática do Turfe no hipódromo riograndino.

## Para continuar...

Enfim, entendemos que o presente trabalho define o hipódromo com um espaço carregado de histórias a serem contadas por aqueles que exerceram ou ainda exercem um vínculo afetivo com o local. Estas histórias, até então, dão conta de narrar um cenário em que interesses individuais disputam espaço com questões coletivas, mostrando as tensões em que as práticas esportivas acabam se constituindo. Por fim, outras entrevistas estão previstas na rede de depoentes, principalmente direcionada para captar outros olhares que não o de ex-jóquei e tratador de cavalos, justamente no interesse de compor a história multivocal do turfe no hipódromo de Rio Grande. Por enquanto, dizemos: a) o hipódromo é considerado como uma espécie de templo para os depoentes, algo sagrado que se confunde com suas próprias vidas; b) havia uma dependência econômica e cultural entre o bairro e o hipódromo; c) o público presente nos dias de páreo não se restringia somente à sociedade riograndina, mas por pessoas que estavam de passagem pela cidade; d) a desregulamentação frente ao regimento do hipódromo pelas últimas direções, a midiaticização do turfe e a diminuição do associativismo clubístico na década de 90 são apontados como indícios do seu fechamento.

## REFERÊNCIAS

GOELLNER, Silvana Vilodre; JAEGER, Angelita Alice: **Garimpando memórias**: Esporte, Educação Física, Lazer e Dança. Organização – Porto Alegre/RS, Editora da UFRGS – 2006.

MARTINS, Carlos; ALTMANN, Helena. Características do Esporte Moderno segundo Elias e Dunning. In: **Simpósio Internacional Processo Civilizador**, 10º, Campinas-SP, 2007, s/p.

MELLO, Victor Andrade de: **Os esportes e as cidades brasileiras**: Transição dos séculos, XIX e XX. Organizador – Rio de Janeiro – Coleção Sport: história - Apicuri, 2010.

PEREIRA, Ester Liberato & MAZO, Janice Z. Salto Alto e Botas: representações das mulheres nas práticas equestres em Porto Alegre/RS produzidas pela Revista do Globo (1929-1967) **EFDeportes.com, Revista Digital**. 2010.